

Construções metafóricas no discurso de Dilma Rousseff: análises à luz da teoria da argumentação na língua

*Metaforic constructions
in the speech of Dilma
Rousseff: analysis by the
argumentation theory on the
language*

Nathália Luiz de FREITAS (UNICAMP)
nathalia.freitas@ifsuldeminas.edu.br

FREITAS, Nathália Luiz de.
Construções metafóricas no discurso
de Dilma Rousseff: análises à luz da
teoria da argumentação na língua.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 6, n. 2,
p. 91-105, jul./dez. 2016.

Resumo: Buscamos articular uma perspectiva sociocognitiva da metaforicidade, baseada em elementos epistemológicos da Teoria da Metáfora Conceptual e em teorizações de abordagens discursivas da metáfora, pressupostos e categorias analíticas da Teoria da Argumentação na Língua. A partir dessa articulação, nosso objetivo é identificar e analisar a orientação argumentativa de construções metafóricas no discurso de Dilma Rousseff. Nossas análises visam a contribuir para a evidenciação, nos dados em foco, de que a metaforicidade e a argumentação são inerentes à linguagem, assim como de que a dicotomia literal/metafórico não se sustenta quando se considera o uso da língua. Concluímos a possibilidade de associar ambas as perspectivas teóricas para a compreensão de dois princípios cognitivos humanos, a argumentatividade e a metaforicidade.

Palavras-chave: Metaforicidade.
Argumentatividade. Teoria da
Argumentação na Língua.

Abstract: We seek to articulate a socio-cognitive perspective metaphoricity based on epistemological elements of Conceptual Metaphor Theory and theorizing discursive approaches to metaphor, with analytical assumptions and categories of the Theory of Argumentation in Language. From this link, our goal is to identify and analyze the argumentative orientation of metaphoric constructions in the speech of Dilma Rousseff. Our analyzes are designed to contribute to the disclosure, data in focus, that metaphoricity and argumentation are inherent in language, as well as the literal/metaphorical dichotomy does not hold water when considering the use of language. We conclude the possibility of combining both theoretical perspectives for understanding two human cognitive principles, argumentativity and metaphoricity.

Keywords: Metaphoricity. Argumentativity. Theory of Argumentation in Language.

Introdução

Partimos da possibilidade de articular uma perspectiva sociocognitiva da metaforicidade pautada em elementos epistemológicos da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e em teorizações de abordagens discursivas da metáfora (CAMERON, 2003; STEEN, 2006; VEREZA, 2010) com pressupostos e categorias de análise da Teoria da Argumentação na Língua (DUCROT, 1987). A partir de tal articulação, pretendemos identificar e analisar a orientação argumentativa de construções metafóricas no discurso da presidente afastada Dilma Rousseff, de modo a contribuir para a evidenciação de que a metaforicidade e a argumentação são inerentes à linguagem, assim como de que a dicotomia literal/metafórico não se sustenta quando se considera o uso da língua.

Ainda que a afirmação da inerência da argumentatividade à linguagem seja lugar comum na linguística atual (FIORIN, 2014), parte considerável dos estudos que aborda a argumentação e a metaforicidade em conjunto concebe a metáfora como uma estratégia de persuasão (Cf. ESPÍNDOLA, 2005; VEREZA, 2010; ALDRIGUE; ESPÍNDOLA, 2011, entre outros), situando o fenômeno argumentativo em uma perspectiva mais retórica-clássica do que semântico-enunciativa, à maneira ducrotiana, por exemplo. Diferentemente, entendemos que, ao serem princípios constitutivos da linguagem humana, a argumentatividade é constitutiva dos processos metafóricos, assim como a metaforicidade pode não apenas ser uma estratégia, mas, um construto sociocognitivamente argumentativo que se manifesta na língua.

Considerando que os sentidos de uma construção linguística se produzem pelo conjunto de relações dessa unidade com outras entidades da língua (CAREL; DUCROT, 2005), ou seja, no uso, não há, conforme a Teoria da Argumentação na Língua, literalidade do sentido. Conforme

essa perspectiva, sendo os elementos linguísticos orientados por regras atinentes ao sistema da língua, essas regras é que indicam qual sentido deve ser buscado no enunciado. A dicotomia literal/figurado é também negada por abordagens sociocognitivas e discursivas da metáfora, que concebem o fenômeno figurativo como próprio ao sistema conceptual humano, de modo a não haver um sentido denotativo prévio das categorias linguísticas, mas conceptualizações que são de ordem metafórica.

A articulação teórica que propomos, embora envolva bases epistemológicas de orientações distintas, porém não excludentes, pode fornecer elementos analíticos capazes de abarcar singularidades das construções metafóricas em sua relação com a argumentatividade não comumente consideradas por perspectivas enunciativas e por abordagens sociocognitivas e discursivas atuando em paralelo.

Metaforicidade, metáforas e construções metafóricas

Concebemos a metaforicidade como um princípio cognitivo geral (LAKOFF; JOHNSON, 1980) que convoca complexos e variados processos em sua constituição, entre os quais podemos elencar a compreensão de domínios da experiência (LAKOFF; TURNER, 1989), a associação entre categorias (GLUCKSBERG, 2001), a invocação de enquadres sócio-pragmáticos (COULSON, 2001; GIBBS, 1994) e todo um trabalho (meta) linguístico de (re)categorização do mundo (MOURA, 2005; MORATO, 2008). Entendido como tal, o fenômeno metafórico não se limita à ornamentação da língua, mas, está na base da constituição linguístico-cognitiva dos processos de significação que produzimos cotidianamente.

Contrariamente a uma visão representacionista e essencialista de linguagem, para a qual a figuratividade é um recurso expressivo e representativo de conteúdos subjetivos a fim de produzir efeitos estéticos e retóricos, entendemos a metáfora como um processo de construção para se chegar a um significado (CROFT; CRUSE, 2009), processo este inserido na instância do sistema conceptual socialmente compartilhado, componente do discurso — nos níveis do pensamento e da língua, ambos como sistemas (STEEN, 2006) —, discurso que é organizador e estruturador da experiência em termos sociocognitivos (VEREZA, 2013).

As construções metafóricas são asserções categoriais (GLUCKSBERG, 2001), havendo, no mapeamento metafórico, a inclusão de uma entidade, o tópico — entidade da qual se fala na metáfora —, em

uma categoria, o veículo — expressão linguística que predica algo sobre o tópico —, de modo que a metáfora realiza categorizações (MOURA, 2007). Assim, consistindo de determinados tipos de associações entre tópico e veículo que podem afetar nossa percepção de um conceito previamente estruturado, as construções metafóricas são mecanismos de criação de conceitos (MOURA, 2005).

De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, os conceitos metafóricos, isto é, as metáforas conceptuais, são concebidos como componentes de um inconsciente cognitivo coletivo, de forma que os usos de linguagem metafórica observados nas marcas linguísticas seriam licenciados por seus tipos, subjacentes (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Conforme a teoria, à metáfora linguística subjaz uma metáfora conceptual que faz o mapeamento entre dois domínios distintos, resultando em um conceito metafórico específico.

Uma vez que categorias conceptuais podem ser criadas por meio de processos metafóricos, operação que influencia a estrutura conceptual previamente existente, a metáfora é derivada também de processos verbais de associações (LEEZENBERG, 2001; MOURA, 2005), de forma que rejeitamos a oposição entre metáfora conceptual — interna à representação cognitiva e responsável pela organização da nossa categorização do mundo — e metáfora linguística — derivada da metáfora conceptual e circunscrita à materialização linguística da estrutura conceptual subjacente — (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Abordagens denominadas discursivas, dentro das quais a metáfora é investigada no processo de significação do discurso online, sugerem que o discurso não consiste somente no *locus* de manifestações linguísticas de metáforas conceptuais, mas também de articulações cognitivas e pragmáticas, assim como da emergência de novas metáforas conceptuais (CAMERON, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2006; SEMINO, 2008; CAMERON; MASLEN, 2010; VEREZA, 2007; 2010; 2013). Nessa ótica, as metáforas emergem da dinâmica da linguagem e do pensamento, sendo, ao mesmo tempo, conceptuais e linguísticas (CAMERON; DEIGNAN, 2006).

A metaforicidade, como princípio cognitivo humano; as metáforas, enquanto um processo linguístico-cognitivo de criação de conceitos, e as construções metafóricas, sendo asserções categoriais cujo mapeamento tem caráter lexical, semântico e pragmático, conceitos tais esquematicamente definidos para uma compreensão mais acurada do fenômeno metafórico, têm, a um só tempo, natureza linguística

e conceptual, isto é, dependem tanto da linguagem quanto de outras habilidades cognitivas, além de aspectos sócio-históricos e culturais, e são efetivamente constituídas no fazer discursivo.

Teoria da Argumentação na Língua

Com relevos de diferentes ordens, a Teoria da Argumentação na Língua, doravante TAL, em suas três fases — a Forma Standard, a Teoria da Polifonia e dos *Topoi* e a Teoria dos Blocos Semânticos — baseia-se no pressuposto de que a argumentação está inscrita na língua, devendo o estudo da linguagem ser feito intralinguisticamente. A TAL opõe-se à concepção de argumentação exterior à linguagem, que atribui aos fatos do mundo a motivação para as conclusões (verdadeiras ou falsas), postulando, inicialmente, que o fator constitutivo do sentido é a relação entre dois segmentos, o argumento e a conclusão (DUCROT, 1987), em um momento posterior, as noções de topos e polifonia (DUCROT, 1988), e, mais recentemente, a ideia de encadeamento argumentativo (CAREL; DUCROT, 2005).¹

Tendo em vista a não unicidade das concepções da TAL durante o seu desenvolvimento e os propósitos do presente estudo, elencaremos as definições que consideramos relevantes para o nosso empreendimento, a saber: enunciação, frase, enunciado, significação, locutor, enunciador, polifonia, encadeamento discursivo, assim como o papel da negação na configuração polifônica e argumentativa.

De caráter estruturalista, a TAL atribui às noções saussurianas de signo, de relação e de língua papéis importantes. Se na concepção de Saussure o signo é elemento da língua, definindo-se por sua relação com outros signos, na teoria ducrotiana, o signo é a frase, ou seja, estrutura abstrata, formulada pelo linguista, com significado constituído pelas possibilidades de relação semântica que ela estabelece com outras frases. A língua é concebida como um sistema composto por frases, cujas relações ocorrem no enunciado. Por outro lado, o enunciado é a realização da frase, isto é, o que existe empiricamente, sendo somente por meio dele que se chega à frase. O enunciado está ligado a uma situação específica, a enunciação (DUCROT, 1987).

A significação é o valor semântico da frase e do sentido, o valor do enunciado, fenômeno este que não preexiste ao uso e contém instruções

¹ Há outras formulações teóricas importantes que, em razão do escopo do presente estudo, não serão tratadas.

que apontam quais tipos de indícios devem ser procurados no contexto linguístico com vistas a se chegar ao sentido do enunciado. A cada frase da língua é atribuída uma significação, ou seja, uma instrução que explica o sentido do seu enunciado. Tais instruções agem na delimitação de aspectos que devem ser observados quando da identificação do sentido de um enunciado e são responsáveis pela orientação argumentativa da significação (DUCROT, 1987; 1988).

A enunciação é o acontecimento histórico, em determinado momento do tempo e do espaço, do aparecimento de um enunciado (DUCROT, 1980). O sentido do enunciado consiste em uma representação da sua enunciação, haja vista ser proferido por um locutor para um interlocutor, ambos situados em determinado espaço e tempo, não necessariamente nos mesmos. A noção de acontecimento, em detrimento da de ato, promove o distanciamento de uma potencial relação de causalidade com um falante, não sendo, pois, a subjetividade a base explicativa para os enunciados e a enunciação. Trata-se de um conceito que tem função estritamente semântica, sem qualquer implicação psicológica.

É necessária ao surgimento da enunciação a existência de um autor do enunciado, o que, contudo, não é suficiente para caracterizar o fenômeno enunciativo, tampouco interessa à TAL, para a qual é possível abordá-lo independentemente de quem é o sujeito falante, que não seria único. Em um dado enunciado, há alguém que fala, voz esta que pode ser de uma ou mais pessoas, de modo que ao locutor (L) é atribuída a marca de primeira pessoa, característica tal que não garante que apenas (L) esteja falando, já que pode também existir outra voz, a de um enunciador (E), ou mais de um.

Assim, os personagens presentes em um enunciado são: o locutor, concebido como o responsável pelo enunciado, um ser da linguagem, ao qual subjaz um sujeito empírico, e os enunciadores, entendidos como os responsáveis pelos pontos de vista veiculados em um enunciado, os quais podem ser assimilados ao próprio locutor ou a outra pessoa. O locutor pode tomar três atitudes em relação aos enunciadores: a de assumir a responsabilidade sobre aquilo que diz, a de concordar com o ponto de vista de um enunciador, sem assumi-lo, e a de rejeitá-lo, quando se opõe ao ponto de vista de um enunciador. O estudo do sujeito empírico é descartado, uma vez que a TAL não se ocupa do que é exterior ao sistema linguístico.

A polifonia é definida como um conjunto de vozes apreendido em

um enunciado, noção que se opõe, portanto, a uma ideia de unicidade do sujeito falante. As vozes, não explicitadas, que aparecem na enunciação expressam pontos de vista que o locutor organiza para identificar-se ou se opor a eles. A existência dessas vozes decorre da imagem que delas oferece a enunciação produzida por [L] (DUCROT, 1984). Além da polifonia no nível dos enunciadores, mencionada acima, é descrita uma polifonia no nível do locutor, assinalada nos casos de dupla enunciação, que inclui o relato em estilo direto (DUCROT, 1987). Das duas formas de polifonia apontadas, a TAL desenvolve a que ocorre no nível dos enunciadores, muito mais frequente que a outra.

Como a argumentação está na língua, as próprias frases que a constituem são argumentativas, estando contidas nas suas significações instruções que determinam a intenção argumentativa a ser conferida a seus enunciados, de maneira que cada frase indica como se pode ou não argumentar a partir de seus enunciados (DUCROT, 1989). Nessa perspectiva, os sentidos dos enunciados são construídos através da relação entre seus segmentos: suporte e aporte ou segmento 1 e segmento 2, tendo como formalização a estrutura A COM (conector) B, denominada de encadeamento argumentativo, o qual, de natureza sintagmática, promove continuidade ou ruptura. O encadeamento argumentativo se dá com a adesão do locutor a um dos enunciadores.

Entre as possibilidades de verificar a argumentatividade inerente à língua e a característica polifônica do fenômeno enunciativo, tem-se o estudo dos conectores, os quais realizam encadeamento de enunciados que conduz a determinada conclusão, e no estudo da negação, cujas marcas no enunciado mostram mais facilmente seu contraponto afirmativo, profícuos expedientes. Em todo enunciado, tanto afirmativo quanto negativo, há o seu contraponto, o que implica identificar em um discurso as várias vozes que dele emergem (DUCROT, 1987).

Sendo uma das categorias por meio das quais é possível identificar a presença da polifonia em um enunciado, também no nível linguístico, a negação se dá de maneiras diferentes, ocorrendo conforme três tipos: o descritivo — categoria posteriormente abandonada pela TAL —, o metalinguístico e o polêmico (DUCROT, 1987). Na negação descritiva, o locutor descreve um estado de coisas de modo que sua fala não se oponha a um discurso contrário. Na negação metalinguística, o locutor retoma o enunciado afirmativo para negá-lo em seguida, havendo a contradição aos próprios termos de uma fala à qual se opõe e adversão à enunciação do outro. Essa negação se dá entre os interlocutores e pode

tocar nas pressuposições. Na negação polêmica, ocorre uma refutação, de maneira a existir uma contradição com o enunciado refutado. Tal negação é efetivada entre os enunciadores, isto é, entre os pontos de vista, já que seu locutor não retoma o enunciado afirmativo para depois negar seus termos, como ocorre na negação metalinguística, mas constrói um enunciado que nega a perspectiva enunciativa, ou seja, o enunciador presente no enunciado afirmativo.

Discurso político, argumentação e metaforicidade

O discurso político está na imbricação entre linguagem e ação, de maneira que a palavra política, alocada entre uma verdade do dizer e uma verdade do fazer, funciona na convergência de discursos de ideias e discursos de poder, pensamento e ação (CHARAUDEAU, 2006). O processamento de informações políticas é comumente um modo de processamento discursivo, já que parcela considerável da ação e participação política realiza-se pelo discurso e pela comunicação (VAN DIJK, 2008). Portanto, o discurso político se funda na linguagem e é exteriorizado por ela, em uma relação de interdependência.

Consoante a essa dimensão, admitimos que as práticas de linguagem constituem as formas como os homens estruturam as suas vidas em diferentes domínios de atividade social, quanto às relações estabelecidas com o mundo e, especialmente, no que se refere às relações que mantêm com os outros, seus pares, de modo que o discurso é, a um só tempo, o espaço de construção de uma rede de relações políticas e um dos instrumentos, possivelmente o principal, da prática política (MENDES, 2012). As ações estão contidas nas práticas de e com a linguagem de maneira inseparável, sendo o uso da linguagem, pois, uma forma de ação realizada no convívio social.

As metáforas são consideradas um recurso produtivo utilizado na busca pela persuasão no domínio político, já que elas são uma forma de conquistar a adesão pela comunhão que proporcionam entre locutor e auditório, de modo a constituírem-se em uma estratégia argumentativa (MIRANDA; LUQUES, 2012). O poder sociocognitivo da metáfora está na conjugação do apelo, por vezes emocional, com a expressão compacta e concreta de imagens dinâmicas, sem, entretanto, a avença da precisão semântica (MIRANDA; LUQUES, 2012). No discurso político contemporâneo, podem ser encontradas muitas metáforas, das quais boa parte indica aspectos relevantes da natureza figurativa do

pensamento político (GIBBS, 1994).

Na perspectiva da TAL, o sentido de um enunciado comporta como parte constitutiva a forma de influência denominada força argumentativa. Para um enunciado, significar é orientar (DUCROT, 1988), especificamente orientar o destinatário a certas conclusões e não a outras (ANSCOMBRE; DUCROT, 1988). Mesmo não entrando no mérito dos sujeitos empíricos que são as matrizes físicas da enunciação, podemos depreender que o domínio político, também entendido como uma esfera discursiva, abriga de modo explícito a argumentatividade como um dos seus princípios estruturadores. De igual modo está presente a metaforicidade, constituinte linguístico-cognitivo das práticas humanas.

Questões metodológicas

De paradigma qualitativo, este estudo tem como finalidade identificar e analisar a orientação argumentativa de construções metafóricas em um excerto de um discurso proferido por Dilma Rousseff durante o período de seu afastamento da Presidência da República. Assim, limitamo-nos a abordar, analisar e discutir um fenômeno em um contexto específico e com base em um aparato teórico-metodológico definido.

Para tal, efetuamos os procedimentos metodológicos de i) seleção do *corpus*; ii) transcrição do *corpus*; iii) identificação das potenciais construções metafóricas; iv) análise das construções metafóricas conforme as categorias da TAL acima definidas; e v) análise sociocognitiva da orientação argumentativa das construções metafóricas.

O *corpus* deste trabalho é composto por um excerto transcrito de um discurso videogravado proferido em 16/06/2016 pela então presidente da República afastada, Dilma Rousseff, na Assembleia Legislativa, em Salvador, Bahia, durante a cerimônia em que recebeu o título de cidadã baiana. Do excerto que compõe o *corpus*, foram selecionados os trechos em que há expressões metafóricas proferidas pela chefe de estado.

Para a análise das expressões metafóricas que compõem o *corpus*, foram consideradas as categorias Metáfora Conceptual — domínio fonte e domínio alvo (LAKOFF; JOHNSON, 1980), Metáfora Linguística — veículo e tópico (CAMERON, 2007) assim como frase, enunciado, locutor, enunciador, polifonia, encadeamento discursivo e papel da negação na configuração polifônica e argumentativa.

Análises

Segue abaixo o excerto cujas construções metafóricas, assinaladas em negrito, serão analisadas.

“Esse **golpe** é diferente dos golpes militares. Simples entender a diferença se imaginarmos que **a democracia é árvore** e **o golpe militar é o machado** destruindo a árvore. E o modelo do atual **golpe** não é esse, é diferente. É como se imaginar a **árvore** sendo atacada por **parasitas** implacáveis que querem tirar dela a sua **seiva**.”

Identificação das construções metafóricas

Quanto à identificação das potenciais construções metafóricas, é necessário salientar que a própria palavra *golpe* é usada de forma figurativamente conotada, ao direcionar, tendo em vista os elementos linguísticos presentes nos enunciados, à conclusão de *golpe de Estado*, que consiste em derrubar ilegalmente um governo constitucionalmente legítimo.

No trecho “Simples entender a diferença se imaginarmos que a democracia é árvore e o golpe militar é o machado destruindo a árvore”, temos as metáforas linguísticas *a democracia é a árvore* e *o golpe militar é o machado*, cujos veículos são *árvore* e *machado* e os tópicos *democracia* e *golpe militar*, respectivamente. As metáforas conceptuais subjacentes são FORMA DE GOVERNO É PLANTA (domínio fonte: planta / domínio alvo: forma de governo) e AÇÃO É UTENSÍLIO (domínio fonte: utensílio / domínio alvo: ação).

No trecho “É como se imaginar árvore sendo atacada por parasitas implacáveis que querem tirar dela a sua seiva”, temos a metáfora linguística *parasitas implacáveis que querem tirar da árvore a sua seiva*, cujos veículos são *parasitas*, *árvore* e *seiva* e os tópicos *golpistas*, *democracia* e *essência*, respectivamente. As metáforas conceptuais subjacentes são SER HUMANO É ORGANISMO HOSPEDEIRO (domínio fonte: organismo hospedeiro / domínio alvo: ser humano), FORMA DE GOVERNO É PLANTA (domínio fonte: planta / domínio alvo: forma de governo) e ELEMENTO VITAL É LÍQUIDO NUTRITIVO (domínio fonte: líquido nutritivo / domínio alvo: elemento vital).

Análise das construções metafóricas conforme as categorias da TAL

As frases que compõem o objeto da presente análise perfazem todo o excerto destacado. Nelas, estão as instruções que orientam a direção argumentativa dos enunciados, havendo seis afirmações e uma negação. A expressão adjetiva *simples* atua sobre a frase *Simples entender a diferença se imaginarmos que a democracia é a árvore e o golpe militar é o machado destruindo a árvore*, aumentando sua força argumentativa e participando decisivamente da estruturação global do discurso favorável à posição de obviedade da discrepância das situações nele apresentadas. Fenômeno semelhante ocorre com o advérbio *implacáveis* na frase *É como se imaginar a árvore sendo atacada por parasitas implacáveis que querem tirar dela a sua seiva*, o qual age sobre o termo *parasitas* elevando sua força argumentativa a favor da ideia de inexorabilidade dos golpistas.

O primeiro enunciado do excerto *Esse golpe é diferente dos golpes militares* está encadeado a todos os seguintes, uma vez que funciona como uma espécie de síntese argumentativa do que é veiculado na totalidade enunciativa. No segundo enunciado, o locutor estabelece uma relação de interdependência entre os dois segmentos constituintes: *simples entender a diferença* (segmento A) e *imaginarmos que a democracia é árvore e o golpe militar é o machado destruindo a árvore* (segmento B), os quais são orientados pela condicionalidade do elemento *se* que subordina o seguimento A ao B.

O terceiro enunciado *o modelo do atual golpe não é esse, é diferente* encadeia-se ao enunciado anterior por meio do conector coordenativo *e*, o qual funciona como uma espécie de *mas*, orientando o caminho da argumentação, o que assinala o formato de negação polêmica que tal enunciado possui. No interior desse enunciado, há ainda uma negação metalinguística, já que, de acordo com o enunciado, temos E1: Há um modelo atual de golpe. E2: O modelo é esse. E3: falsa. Ocorre uma negação do posto em um enunciado afirmativo *O modelo do atual golpe é esse*, a qual não recobre todo o enunciado, mas, parte dele.

É estabelecida uma relação de interdependência entre o terceiro e o quarto enunciado *É como se imaginar a árvore sendo atacada por parasitas implacáveis que querem tirar dela a sua seiva* pela ordem sintagmática dos enunciados que propicia o efeito conclusivo da enunciação.

O locutor põe em cena dois enunciadores: E1, que é assimilado a uma voz geral, talvez a voz da história oficial acerca dos golpes de Estado; e E2, que, por sua vez, é assimilado à voz de uma visão alternativa de

golpe de Estado, que opera em uma lógica diferente da esperada. O locutor adere a E2. A atitude de aderir a um enunciador leva o locutor a impor o ponto de vista desse enunciador no discurso. O locutor dá como fim à sua enunciação quando impõe ao interlocutor a ideia de que o golpe de Estado em curso está sendo feito de modo diferente do anterior, de maneira a afetar a configuração da democracia.

A polifonia de enunciadores está contida nas enunciações, constituindo o seu dizer em torno de vozes que ecoam sobre a existência de potenciais configurações políticas e de seus possíveis desdobramentos no que se refere à manutenção da democracia.

Análise sociocognitiva da orientação argumentativa das construções metafóricas

Além das instruções argumentativas presentes nas frases, as quais reúnem tanto marcas linguísticas, como expressões adjetivas e conectores, quanto a formulação de negações e a disposição sintagmática que direciona o encadeamento, sugerimos que, para o caso específico das construções metafóricas em análise, a presença das conjunções *imaginarmos* e *imaginar* do paradigma verbal *imaginar* orientam o interlocutor à interpretação figurativa dos enunciados.

Essa orientação, que vai da língua à cognição, possibilita ao interlocutor mobilizar as metáforas conceptuais subjacentes às metáforas linguísticas através da articulação entre os domínios fonte e os domínios alvo daquelas. Assim, é possível que o interlocutor conceptualize as formas linguísticas argumentativamente direcionadas em seus sentidos figurativos, realizando as restrições necessárias quanto aos traços dos domínios fonte de cada metáfora conceptual, no qual haverá a saliência de outros, para a construção sociocognitiva do domínio alvo que resulta na metáfora linguística, explicitada por seu veículo.

Nessa perspectiva, temos, por exemplo, na metáfora linguística *o golpe é o machado*, cujo veículo é *machado*, a subjacência da metáfora conceptual AÇÃO É UTENSÍLIO com o domínio fonte em *utensílio* e o domínio alvo em *ação*, de modo que há a saliência de traços daquele domínio, tais como a possibilidade de destruição quando usado como arma, seu emprego para causar a ruptura total daquilo que é cortado etc.. Ao serem salientados determinados traços em detrimento de outros, o domínio fonte *golpe* vai sendo construído, assumindo uma denotação específica na construção metafórica do enunciado posto em cena na enunciação.

Conclusões

Este estudo buscou analisar a orientação argumentativa de construções metafóricas no discurso da presidente afastada Dilma Rousseff a partir da articulação de perspectivas teóricas epistemologicamente diferentes, mas, não excludentes, já que enquanto a TAL se ocupa de mecanismos argumentativos que se produzem no interior da língua, a TCM e abordagens discursivas da metáfora visam a explicar o funcionamento linguístico-cognitivo do sentido, podendo ser complementares, conforme evidenciaram nossas análises.

Nossa abordagem, de caráter ainda preliminar, teve como intuito também contribuir para a evidência de que a argumentatividade constitui os processos metafóricos e que a metaforicidade, longe de ser apenas uma estratégia, consiste em um construto sociocognitivamente argumentativo que se manifesta na língua. O estudo da metaforicidade e da argumentação, fenômenos inerentes à linguagem, assinalam que a dicotomia literal/metafórico não se sustenta no uso real e efetivo da língua.

Referências

- ALDRIGUE, N.S.; ESPÍNDOLA, L. A. Expressões linguísticas metafóricas como recurso argumentativo em folderes turísticos. **Veredas online temática**, Juiz de Fora, 2/2011, p. 190-201.
- ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. **L'argumentation dans la langue**. Liège/Bruxelas: Pierre Mardaga, 1988.
- CAMERON, L. **Metaphor in educational discourse**. London: Continuum, 2003.
- CAMERON, L. Patterns of metaphor use in reconciliation talk. **Discourse and Society**, 18(2), 197-222, 2007
- CAMERON, L.; DEIGNAN, A. The emergence of metaphor in discourse. **Applied Linguistics**, [s.l.], n. 27(4), p. 671-690, 2006.
- CAREL, M.; DUCROT, O. **La Semántica Argumentativa**. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- CAMERON, L.; MASLEN, R. (Orgs.). **Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities**. London: Equinox, 2010.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

COULSON, S. **Semantic leaps**: Frame-shifting and conceptual blending in meaning construction. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

DEIGNAN, A. **Metaphor and corpus linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

DUCROT, O. Análise de textos e lingüística da enunciação. In: DUCROT, Oswald et al. **Les Mots du Discours**. Paris: Minuit, 1980.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, O. **Polifonía y argumentación**. Cali (Colômbia): Universidad del Valle, 1988.

DUCROT, O. Argumentação e 'topoi' argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e Sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.

ESPÍNDOLA, L. A. Metáfora Conceptual Ontológica na Publicidade. **Revista Gelne**. João Pessoa, v. 7, n. 1/2, p. 19 – 28. 2005.

GIBBS, R.W. **The poetics of Mind** – Figurative thought, language and understanding. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GLUCKSBERG, S. **Understanding figurative language**: from metaphors to idioms. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FIORIN, J.L. Argumentação e Discurso. **Bakhtiniana**, São Paulo, 9 (1): 53-70, Jan./Jul, 2014.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press: 1980.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason**: A field guide to poetic metaphor. Chicago: Chicago University Press, 1989.

LEEZENBERG, M. **Contexts of Metaphors**. The Netherlands: Elsevier, 2001.

MENDES, P. H. A. Argumentação e atos de linguagem no discurso político. **Caletroscópio**, v. 1. n. 1, p. 129-146, 2012.

MIRANDA, D. S.; LUQUES, S. U. Metáfora Argumentativa no discurso de Paulo Maluf. EID&A – **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 3, p 5-15, 2012.

MORATO, E. M. O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-177, 2008.

MOURA, H. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. **Linguagem em (Dis)curso** 7-3, p. 417-452, 2007.

MOURA, H. M. M. Metáfora: das palavras aos conceitos. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 139, p. 20-50. 2005.

STEEN, G. **Understanding metaphor in literature**: an empirical approach. London: Longman, 1994.

VAN DIJK, T. A. Discurso político e cognição política. In: VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, p. 197-230, 2008.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, S. C. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 1, v. 55, p. 109-25, 2013.

Recebido em: 29 de ago. de 2016.

Aceito em: 21 de dez. de 2016.